

O vocabulário de Camões em perspectiva: um estudo de dicionários dedicados a *Os Lusíadas*

Camões' Vocabulary in Perspective: an analysis of dictionaries devoted to *Os Lusíadas*

Adriane Maria de Oliveira Queiroz* 

RESUMO: Este artigo realiza um estudo comparativo de três dicionários dedicados à obra *Os Lusíadas*, de Luís de Camões: o *Dicionário d'Os Lusíadas* de Afrânio Peixoto e Pedro A. Pinto (1924), o *Dicionário e Gramática de Os Lusíadas* de Júlio Nogueira (1960) e o *Dicionário de Camões* de Manuel dos Santos Alves (1994). O objetivo central é analisar as abordagens lexicográficas adotadas em cada obra, bem como suas contribuições para a acessibilidade da linguagem camoniana ao longo do século XX. A pesquisa fundamenta-se na teoria lexicográfica contemporânea, especialmente nas classificações de Welker (2004) e Porto Dapena (2002), considerando aspectos como macroestrutura, microestrutura, público-alvo, presença de conteúdos enciclopédicos e critérios de definição. A obra de Peixoto e Pinto destaca-se por seu caráter filológico e pioneiro; o dicionário de Nogueira privilegia a mediação didática e a comparação com o português falado no Brasil; enquanto o trabalho de Alves amplia o escopo para toda a produção do autor com maior objetividade estrutural. Apesar de sua inegável relevância histórica e pedagógica na mediação entre o leitor moderno e o texto renascentista, os dicionários analisados apresentam limitações do ponto de vista técnico, como ausência de padronização estrutural clara, inconsistências recorrentes na apresentação dos verbetes e fusão de informações linguísticas e extralinguísticas sem critérios explícitos. Tais deficiências comprometem, em certa medida, a precisão e a funcionalidade dessas ferramentas para o consulente contemporâneo. Em suma, as obras evidenciam a necessidade de novas iniciativas lexicográficas que unam o rigor metodológico moderno ao aprofundamento filológico, oferecendo recursos mais funcionais e atualizados aos estudiosos da epopeia camoniana. Os resultados obtidos contribuem para a compreensão da história da lexicografia especializada em língua portuguesa e reforçam a importância de ferramentas de consulta sistematizadas para o acesso a textos literários clássicos de alta complexidade linguística e cultural no atual cenário didático do contexto educacional brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: *Os Lusíadas*. Luís de Camões. Lexicografia. Dicionários Históricos. Estudo Comparativo.

ABSTRACT: This paper presents a comprehensive comparative study of three dictionaries specifically dedicated to Luís de Camões's epic poem *Os Lusíadas*: the *Dicionário d'Os Lusíadas* by Afrânio Peixoto and Pedro A. Pinto (1924), the *Dicionário e Gramática de Os Lusíadas* by Júlio

* Mestranda em Letras pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). adrianeoliveiroz@gmail.com.

Nogueira (1960), and the *Dicionário de Camões* by Manuel dos Santos Alves (1994). The main objective is to analyze the lexicographical approaches adopted in each separate work, as well as their specific contributions to the accessibility of Camonian language throughout the twentieth century. The research is grounded in contemporary lexicographical theory, particularly following the classifications provided by Welker (2004) and Porto Dapena (2002), considering aspects such as macrostructure, microstructure, target audience, inclusion of encyclopedic content, and definition criteria. Peixoto and Pinto's work stands out for its pioneering philological character; Nogueira's dictionary emphasizes didactic mediation and comparison with Portuguese spoken in Brazil; while Alves's work expands the scope to the author's entire literary production with greater structural objectivity. Despite their undeniable historical and pedagogical relevance in mediating between the modern reader and the Renaissance text, the analyzed dictionaries reveal significant technical limitations, such as a lack of clear structural standardization, recurring inconsistencies in entry presentation, and the merging of linguistic and extralinguistic information without explicit criteria. These deficiencies compromise, to some extent, the overall precision and functionality of these reference tools for the contemporary consultant. In sum, these works highlight the need for new lexicographical initiatives that combine modern methodological rigor with philological depth, offering more functional and updated resources for students of the Camonian epic. The results contribute to the understanding of the history of specialized lexicography in the Portuguese language and reinforce the importance of systematized reference tools for accessing classical literary texts of high linguistic and cultural complexity within the current educational landscape of the Brazilian pedagogical context.

KEYWORDS: Os Lusíadas. Luís de Camões. Lexicography. Historical Dictionaries. Comparative Study.

1 Introdução

O presente artigo tem como objetivo analisar três dicionários dedicados à obra de *Os Lusíadas*, publicados entre 1924 e 1994, a fim de investigar e comparar suas diferentes abordagens lexicográficas e pedagógicas, observando sua evolução ao longo do tempo e sua contribuição para a acessibilidade da obra.

A obra épica *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões, publicada pela primeira vez em 1572, é um marco na literatura portuguesa, entrelaçando história, mito e ficção para celebrar os feitos do povo português, consagrando a língua portuguesa como veículo de expressão artística e elevando a epopeia clássica ao contexto nacional português. Publicada durante o Renascimento, a obra de Camões é marcada pela retomada de princípios greco-romanos, como o gênero épico, que conta com obras clássicas, como a *Odisseia*, de Homero, e a *Eneida*, de Virgílio, que serviram de inspiração para Camões

(Souza; Santos; Santos, 2024). *Os Lusíadas* é composto por 10 cantos, 1.102 estrofes e 8.816 versos decassílabos e, em linhas gerais, narra a viagem histórica de Vasco da Gama às Índias. A epopeia camoniana, ao contar a história da "afeiçoada gente lusitana", recorre à mitologia clássica e a lendas nacionais para construir uma narrativa de origem e identidade do povo português.

A leitura de *Os Lusíadas* apresenta vários desafios, decorrentes de seus complexos contextos históricos, culturais e linguísticos; além disso, emprega intrincados dispositivos retóricos e uma mistura de estilos poéticos e documentais, criando uma tensão entre expressão artística e representação factual (Felipe, 2022). A riqueza linguística, histórica e estilística da obra impõe desafios para a compreensão do texto. Segundo Alves (1994), o próprio Camões sentiu a necessidade de tecer comentários principalmente em relação à mitologia, história e geografia, o que o levou a pedir a amigos que lançassem edições comentadas da obra. Ao longo dos séculos, diversos estudos e edições comentadas de *Os Lusíadas* foram publicados, com o objetivo de tornar a epopeia camoniana compreensível para seus leitores.

Nesse contexto, surgiram diversas obras que se propuseram a fazer o estudo do vocabulário da obra de *Os Lusíadas*. Em 1924, Afrânio Peixoto e Pedro A. Pinto¹ publicam o *Dicionário d'Os Lusíadas de Camões*. Em 1960, Júlio Nogueira publica o *Dicionário e Gramática de Os Lusíadas*. Em 1994, Manuel dos Santos Alves irá publicar o *Dicionário de Camões*, com o objetivo de tornar mais compreensíveis as obras de Camões, desde *Os Lusíadas* até as suas obras líricas e teatrais, passando pela estilística e o pensamento de Camões.

Após este texto introdutório, na seção 2 deste artigo, serão apresentados os pressupostos teóricos que fundamentam a pesquisa, abordando a trajetória histórica dos dicionários, suas classificações tipológicas e elementos estruturais, com base em

¹ O autor assina apenas com a inicial do seu segundo nome, razão pela qual assim deixamos nas referências bibliográficas. Algumas fontes encontradas *online* (como Vidal Neto, 2021, p. 319, nota de rodapé) indicam que o seu nome completo era Pedro Augusto Pinto.

autores como Porto Dapena (2002) e Welker (2004); na seção 3, será discutida a metodologia utilizada no trabalho; a seguir, a seção 4 é dedicada a detalhar os resultados da análise comparativa destacando as contribuições de cada dicionário; e, por fim, na última seção, são tecidas as considerações finais, ressaltando as semelhanças e diferenças entre as obras analisadas, bem como a relevância dos estudos lexicográficos para a leitura e compreensão de *Os Lusíadas*.

2 Pressupostos teóricos

O dicionário, de forma concisa, é uma lista de palavras acompanhada de definições e exemplos (Nunes, 2010). Mais amplamente, é um livro em que se recolhem e explicam, de forma ordenada, palavras de uma ou mais línguas, de uma ciência ou matéria determinada (Porto Dapena, 2002), sendo que sua função primordial é ser uma obra de consulta sobre palavras, um livro sobre a língua (Welker, 2004). O dicionário é concebido como um discurso sobre a língua, ou seja, ele reflete as condições sociais e históricas de sua produção e as perspectivas dos sujeitos lexicógrafos que o elaboram, sendo vistos como objetos discursivos ou objetos vivos que participam da construção social e histórica da língua (Nunes, 2010). Além disso, para a constituição de um dicionário, especialmente o monolíngue, o(a)s lexicógrafo(a)s estuda(m) o léxico por meio da linguagem, exercendo uma função metalinguística (Porto Dapena, 2002).

A origem dos dicionários remonta a cerca de três mil anos, com as tabuinhas sumérias, contendo listas lexicais de diversos níveis, sendo preferível falar de um “protodicionário” e “paleolexicografia” (Boisson; Kirtchuk; Béjoint, 1991 *apud* Welker, 2004, p. 61). De acordo com Boisson, Kirtchuk e Béjoint (1991 *apud* Welker, 2004), essas listas, que evoluíram em complexidade, eram organizadas por temas, significados ou aspectos gráficos e visavam ao aprendizado e à memorização. Havia também listas interdialetais e bilíngues, especialmente entre o sumério e o acadiano, refletindo a simbiose cultural da época. Esses primeiros registros constituem os protótipos de quase todas as subcategorias de dicionários conhecidos atualmente, com exceção do

dicionário monolíngue com definições sistemáticas, que só surgiria posteriormente na Grécia, Índia e China. A Lexicografia começou a se estruturar como disciplina linguística no século XVI, na Europa, impulsionada pelo ensino do latim e pela técnica tipográfica. Os primeiros dicionários da língua portuguesa surgiram de vocabulários bilíngues de latim-português, influenciados por obras humanistas (Verdelho, 2002).

Segundo Welker (2004, p. 35), diversos autores apresentaram diferentes tipos de dicionários, sendo que a tipologia de cada autor difere. De modo geral, segundo Porto Dapena (2002), os dicionários podem ser classificados em linguísticos e não linguísticos, sendo que a principal diferença entre os dois é que aqueles que se enquadram no primeiro tipo se preocupam com o significado do signo (a palavra), enquanto aqueles não linguísticos, como, por exemplo, a enciclopédia, preocupam-se com o que o signo representa (a coisa). Outras formas de classificação são discutidas por Porto Dapena (2002) e Welker (2004). Do ponto de vista temporal, podem ser classificados em sincrônicos (focam no léxico atual da língua) ou diacrônicos (etimológicos ou históricos). Da perspectiva do número de línguas, em mono-, bi-, tri- ou multilíngues. Do ponto de vista da natureza da informação ou especificidade, podem ser gerais ou especializados, como por exemplo, dicionários terminológicos, de gírias, de neologismos etc. De maneira geral, há diversos modos de se produzir um dicionário e, longe de serem obras estáticas ou homogêneas, representam instrumentos altamente versáteis e especializados, moldados por diferentes necessidades comunicativas, contextos históricos, níveis de profundidade e suportes tecnológicos.

São componentes de um dicionário o *front matter* e o *back matter*, que integram, junto ao *middle matter*, o que Hartmann e James (1998, p. 104) denominam *outside matter* (matéria externa). O *front matter* compreende a seção que antecede a macroestrutura, destinada a esclarecimentos sobre a obra (como prefácio e guia de uso), enquanto o *back matter* sucede o corpo do dicionário, contendo materiais suplementares (como tabelas de verbos ou pesos e medidas). Para este artigo, adotam-

se as definições de Hartmann e James (1998), segundo as quais a macroestrutura abrange estritamente o conjunto de entradas e sua organização. É importante notar que, embora Welker (2004, p. 79) atribua a Hartmann e James a ideia de que o conjunto de verbetes faria parte do *middle matter*, tal leitura é equivocada e decorre de uma interpretação imprecisa da imagem contida na obra original de 1998. Na verdade, Hartmann e James definem *middle matter* apenas como os materiais adicionais inseridos de forma intercalada entre os verbetes, mantendo a lista central de entradas como uma categoria distinta. Por fim, a microestrutura refere-se à organização interna de cada verbete, sendo este a soma da palavra-entrada mais as informações microestruturais, como as definições, exemplos, marcas de uso etc., conforme os objetivos da obra.

3 Metodologia

Este estudo adota uma abordagem qualitativa e comparativa, fundamentada na teoria lexicográfica apresentada por Porto Dapena (2002) e Welker (2004), para analisar três obras lexicográficas dedicadas a *Os Lusíadas*, sendo elas: o *Dicionário d'Os Lusíadas de Camões* de Afrânio Peixoto e Pedro A. Pinto, publicado em 1924; o *Dicionário e Gramática de Os Lusíadas* de Júlio Nogueira, publicado em 1960; e o *Dicionário de Camões* de Manuel dos Santos Alves, publicado em 1994.

O presente trabalho tem como objetivo fazer um estudo comparativo entre esses diferentes dicionários a fim de investigar e comparar suas diferentes abordagens lexicográficas e pedagógicas, observando sua evolução ao longo do tempo e sua contribuição para a acessibilidade da obra. Sendo assim, cada dicionário será analisado considerando sua macro- e microestrutura, seu público-alvo, seus objetivos e metodologia.

4 Análise comparativa entre os dicionários

4.1 Dicionário d'*Os Lusíadas* de Camões, de Afrânio Peixoto e Pedro A. Pinto

Em 1924, o *Dicionário d'Os Lusíadas de Camões* foi publicado por Afrânio Peixoto, médico, político, professor, crítico literário, ensaísta, romancista e historiador brasileiro, e por Pedro A. Pinto, professor da Universidade do Rio de Janeiro, em ocasião do quarto centenário do nascimento de Camões, quando também foi fundada a Sociedade de Estudos Camonianos.

Os textos externos do dicionário estão divididos em: *Prefácio*; *Obras Consultadas*; *Abreviações* e *Introdução Gramatical*. Em seu prefácio, escrito por Afrânio Peixoto, o autor justifica a elaboração da obra, levando em consideração a existência de um compilado do vocabulário de outras obras clássicas em outras línguas, sugerindo, então, a necessidade de realizar a compilação do arcabouço lexical português de obras clássicas, iniciando-se por *Os Lusíadas*, devido ao valor histórico-cultural para a língua, afirmando que uma obra com tal característica facilitaria os estudos camonianos. Ainda em seu prefácio, Peixoto afirma que Luís de Camões utilizou cinco mil palavras para a escrita de *Os Lusíadas*, sendo esse o número de palavras contadas no dicionário, em um esforço dos autores de listar todas as unidades lexicais usadas por Camões. Peixoto pontua que o vocabulário de A a J pertence a Pedro A. Pinto, enquanto a ele ficou o vocabulário de L a Z; e, por fim, a introdução gramatical ficou a cargo de ambos.

O item *Obras Consultadas* apresenta uma lista de obras utilizadas pelos autores para a realização do dicionário, incluindo as diferentes edições publicadas de *Os Lusíadas*, dicionários e gramáticas do português e do latim. O tópico *Abreviações* indica como os autores irão marcar as estrofes e os versos, utilizando algarismos árabes por comodidade tipográfica. Além disso, afirma que, considerando que os linotipos utilizados não possuem o til camoniano, as formas de *ũa*, *ũas* serão gravadas *uma*, *umas* no dicionário.

A *Introdução Gramatical* simplesmente oferece exemplos, retirados da obra, para diferentes regras e componentes da gramática, como a ortografia e os substantivos, entre outros elementos, como mostra a passagem a seguir:

Substantivo por adjetivo:

“Por te trazer ao fim e extremo dano.” (2.61)

isto é, ao final e extremo dano.

Nomes de coisas abstratas, no plural:

“Por tantos medos o Indo vai buscando.” (2.47)

“Que co rei nobre as pazes concertasse.” (2.78)

“De Geraldo que medos não temia” (3.63) (...) (Peixoto; Pinto, 1924, p. 24).

Em alguns casos, os autores oferecem pequenas explicações acerca da gramática e seus usos por Camões, como por exemplo:

PREPOSIÇÕES

A, ao, á:

“O imperio tomaram a Costantino” (1.60)

“Ouvido tinha aos fados que viria” (1.31)

“Removendo o temor ao pensamento.” (4.1)

“Atai as mãos a vosso vão receio.” (4.18)

“Comecem a sentir o peso grosso.” (1.15)

Primitivamente construiu-se, com o verbo começar, sem preposição, forma que se arcaizou e, salvo engano, não foi empregada nos “Lusiadas”. Também era corrente a construção com “de”, que se vai tornando rara em nossos dias, mas que foi muitas vezes empregada no poema:

“Começa de julgar por enganados.” (8.76) (...) (Peixoto; Pinto, 1924, p. 29)

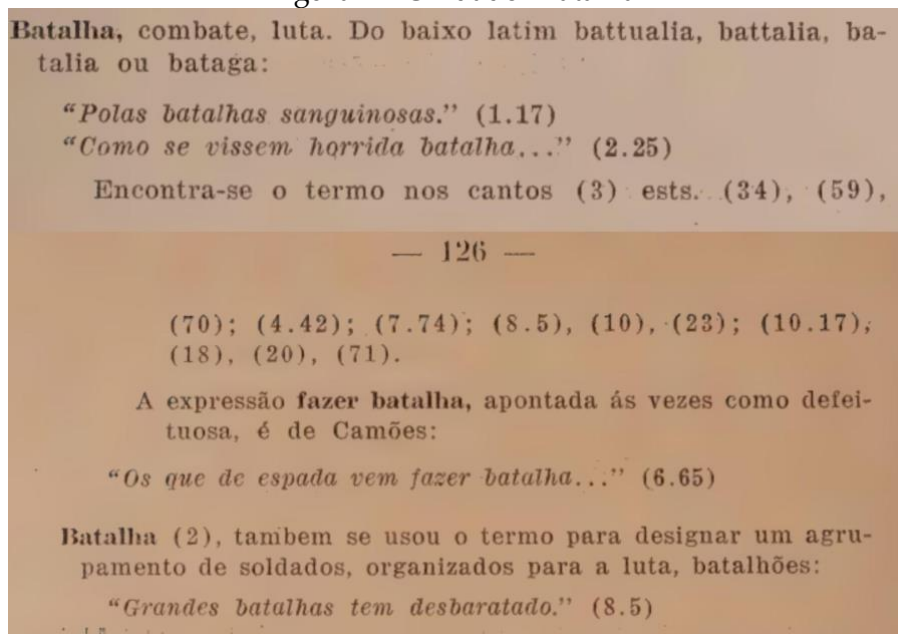
Após o *front matter*, inicia-se o conjunto de verbetes. A macroestrutura do dicionário é organizada em ordem alfabética, com a primeira letra da entrada em maiúscula. As formas variantes das palavras são inseridas em entradas diferentes, como no caso de *Abaixo* e *Abaxo*:

Abaixo, na parte inferior: “Mas abaixo as menores se assentavam.” (1.23) “De ouro e perlas mais abaixo estava.” (Ib.) “E pela costa abaixo o mar abrimos.” (5.84) (...)

Abaxo, mesmo que abaixo, forma que também se vê na ed. fotograf.: “B Marte abaxo belico inimigo.” (10.89) (Peixoto; Pinto, 1924, p. 62)

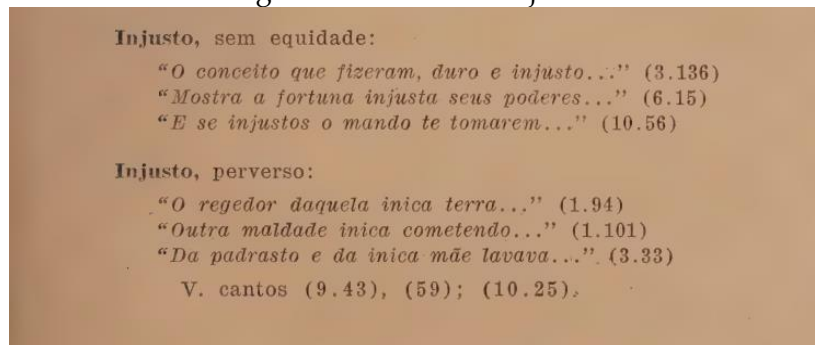
O mesmo ocorre com as diferentes acepções das palavras, sendo que nessas, ora há uma marcação para diferenciar as entradas, ora não, como se nota nas imagens a seguir, que apresentam a unidade lexicográfica *batalha* em duas entradas diferentes, com uma marcação em número arábico, e a unidade lexicográfica *injusto* em duas entradas diferentes, sem nenhum tipo de marcação. Vale ressaltar que o emprego da numeração dessa forma é mais comum para o tratamento dos homônimos; aqui, não se trata de homônimos, uma vez que todos esses sentidos derivam da mesma origem e permanecem dentro do mesmo campo semântico. Por isso, não são palavras distintas, mas diferentes acepções de uma mesma palavra.

Figura 1 – Unidade “Batalha”



Fonte: *Dicionário d'Os Lusíadas* de Luís de Camões - Afrânio Peixoto e Pedro A. Pinto.

Figura 2 – Unidade “Injusto”

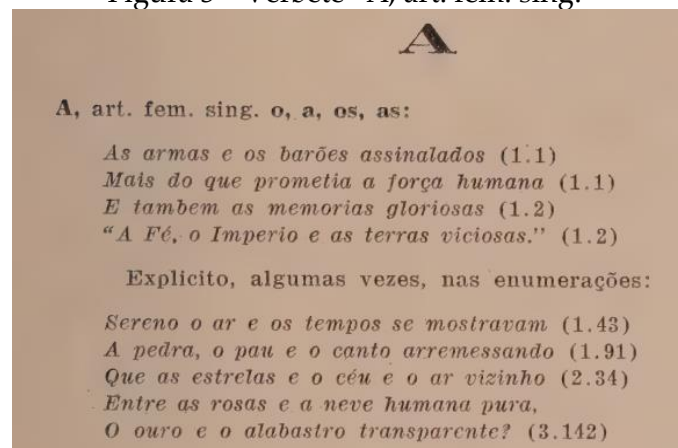


Fonte - *Dicionário d'Os Lusíadas de Luís de Camões* - Afrânio Peixoto e Pedro A. Pinto.

É importante notar que não há nenhuma explicação para a escolha de marcar ou não as diferentes acepções com numeração. Além disso, a inconstância da marcação é registrada em todo o dicionário, seja nos verbetes realizados por Peixoto, seja naqueles elaborados por Pinto.

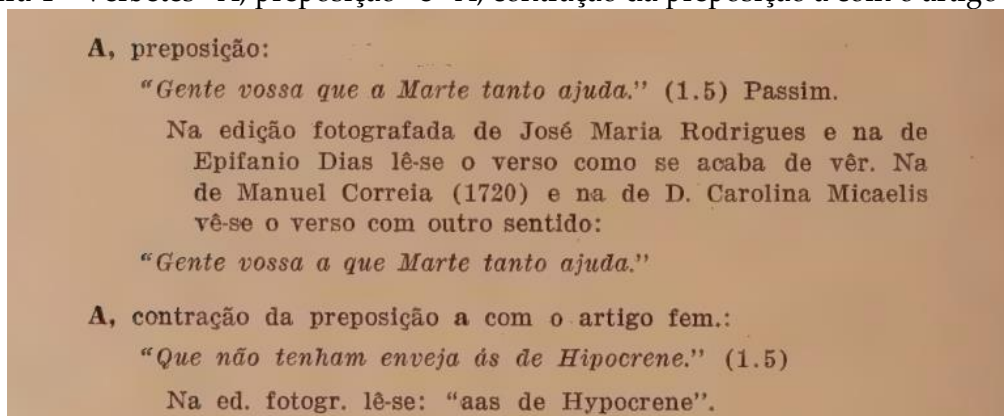
A microestrutura do dicionário contém: a entrada, realçada em negrito, e o enunciado lexicográfico, composto da definição, de acordo com o contexto usado por Camões em *Os Lusíadas*, e das abonações dos versos em que aparece a palavra, junto da marcação em números arábicos da estrofe e verso no qual pode ser encontrada. A classe gramatical é inserida apenas em alguns casos, como para diferenciar a letra A (como artigo ou preposição) ou em pronomes pessoais, como mostra a Figura 5, mas geralmente é omitida, como indicam as figuras abaixo:

Figura 3 – Verbo “A, art. fem. sing.”



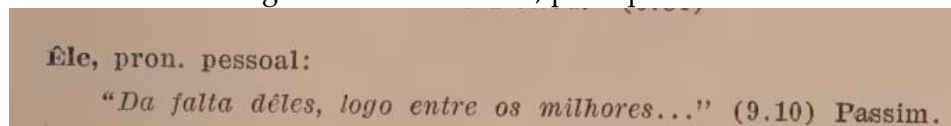
Fonte: *Dicionário d'Os Lusíadas de Luís de Camões* - Alfredo Peixoto e Pedro A. Pinto (1924).

Figura 4 – Verbetes “A, preposição” e “A, contração da preposição a com o artigo fem.”



Fonte: *Dicionário d’Os Lusíadas de Luís de Camões* - Alfredo Peixoto e Pedro A. Pinto (1924).

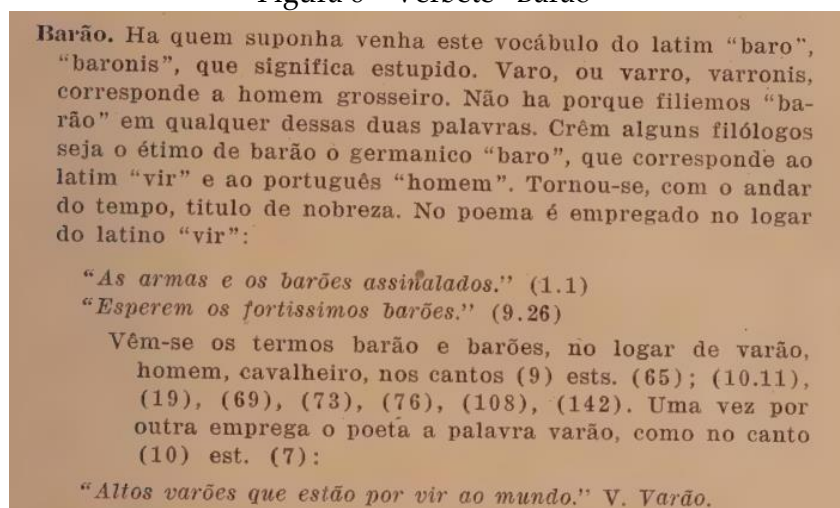
Figura 5 – Verboete “Êle, pron. pessoal”



Fonte: *Dicionário d’Os Lusíadas de Luís de Camões* - Alfredo Peixoto e Pedro A. Pinto (1924).

Por vezes, os autores se utilizam da etimologia da palavra como modo de dar a definição, como por exemplo no verbete *Barão*, apresentado na Figura 6, em que o autor discute as diferentes origens da palavra:

Figura 6 – Verboete “Barão”



Fonte: *Dicionário d’Os Lusíadas de Luís de Camões* - Alfredo Peixoto e Pedro A. Pinto (1924).

Os autores também apresentam verbetes com características enciclopédicas, com discussões filológicas, históricas e culturais, como estratégia para fornecer informações que possam esclarecer o texto camoniano; por exemplo, o verbete *Afinar*:

Afinar, apurar, aperfeiçoar:

“Fizeram cavaleiros nesta empresa

Mais afinando a fama portuguesa” (4.56)

A respeito desses versos escreveu Lencastre: “Afinando mais... contando, relatando com mais perfeição, e exactidão, dando maior evidencia à fama, a gloria dos portugueses”. Epifanio e D. Carolina escrevem afinando e não comentam. Nas eds. fotografadas vê-se a forma “affinando”, que segundo me parece, não corresponde a afinando e sim a “assinando”. De assinar, que também significa assinalar, patentear, distinguir.

“Que por muito e por muito que se afinem

Nestas fabulas vãs, tão bem sonhadas.” (5.89)

Nesses versos, na ed. de Teófilo, vê-se afinem. Na de J. Maria Rodrigues houve defeito de impressão da palavra, mas vê-se que se grafou com um “f”. (Peixoto; Pinto, 1924, p. 73)

O dicionário de Peixoto e Pinto (1924) é um trabalho pioneiro e filologicamente abrangente, uma vez que se propõe a estudar todo o vocabulário de *Os Lusíadas*; porém, carece de padronização, misturando informações linguísticas e enciclopédicas sem critérios claros, o que acaba comprometendo a coerência e a precisão do trabalho lexicográfico.

4.2 Dicionário e Gramática De “Os Lusíadas”, de Júlio Nogueira

Júlio Nogueira foi professor de língua portuguesa e membro da Academia Brasileira de Letras, tendo publicado diversos livros sobre a gramática e ortografia da língua portuguesa, além de alguns dicionários; em 1960, publica, pela Livraria Freitas Bastos S.A, o *Dicionário e Gramática de “Os Lusíadas”*, apontando na contracapa que o

dicionário inclui “topônimos, antropônimos, astrônimos e mitônimos”, além do estudo sobre as formas de linguagem do tempo de Camões.

O *outside matter* do dicionário inclui: (i) um pequeno texto acerca do retrato de Camões, expondo o fato de que o único retrato verídico conhecido é o apresentado no livro e que foi reproduzido no Arquivo Camoniano da Academia Brasileira de Letras; (ii) e um pequeno capítulo denominado *As razões deste livro*, em que justifica a criação da obra como um esforço didático para tornar o poema de Camões mais acessível ao público, especialmente, a estudantes e professores, promovendo o estudo da língua portuguesa por meio de um dos maiores textos da literatura universal. Nesse sentido, propõe um dicionário metódico que auxilie na compreensão do vocabulário, da sintaxe e das expressões do poema, buscando aproximar o leitor moderno de um Camões mais vivo, expressivo e compreensível.

Nogueira ainda afirma que não houve nenhum trabalho que se destinou a estudar a linguagem de Camões, desconsiderando ou ignorando o trabalho de Peixoto e Pinto na década de 1920. Sua atenção especial estava voltada aos termos de natureza histórica, mitológica e anedótica, buscando torná-los mais compreensíveis e leves para o leitor. Além disso, ele destaca um objetivo importante da obra: comparar o vocabulário e as construções linguísticas de *Os Lusíadas* com a língua falada no Brasil, pretendendo mostrar que muitas expressões divergentes da língua padrão no português brasileiro têm raízes legítimas na tradição da língua portuguesa clássica, como a usada por Camões. Em seu *back matter*, encontramos a bibliografia.

Sua macroestrutura é organizada em ordem alfabética e caracteriza-se pela lematização de conceitos gramaticais, tratando-os como unidades de consulta ao lado do léxico camoniano. Por exemplo, no verbete *Concordância* o autor apresenta reflexões sobre os mecanismos de flexão verbal e nominal, além de analisar a sintaxe de Camões, como mostra a Figura 7:

Figura 7 – Verbetes “concertar” e “Concordância”

108	JULIO NOGUEIRA
Conca ou Cuenca	
Na parte de Castela a Nova, em cujas serras nasce o Tejo (IV-10).	
concertar	
A edição de 1572 escreve acertadamente, com c, porque se trata de combinar, traçar um plano:	
E logo nesse instante concertou para a guerra o beligerio aparelho (I-82).	
A gente nos batéis se concertava (I-84).	
melodia sonora e concertada (IX-30).	
Em VIII-93, diz o poeta:	
Concertam-se que o negro mande dar embarcações idôneas...	
A grafia da princeps é <i>concertã-se</i> . A menos que estejamos em face de um erro tipográfico (<i>concertã-se</i> por <i>concerta-se</i>), há discordância. Sendo o sujeito de <i>concertar</i> a frase: “que o negro mande dar embarcação”, não se justifica o plural <i>concertã-se</i> . Se dermos a <i>concertar-se</i> o sentido de reciprocidade, a construção será outra: <i>concertam-se para que</i> .	
Concordância	
A concordância é uma das expressões do analitismo das línguas. Existe entre as <i>categorias nominais</i> , incidindo sobre o gênero e o número, e sobre as <i>verbais</i> , que, além do número, deve ter em vista a pessoa gramatical.	
O nosso poeta claudicou mais de uma vez em concordância. Não lhe podemos querer mal por isso. Diante do oceano imenso de belezas que ele nos ofereceu, diante do cabedal precioso com que enriqueceu a língua, não temos o direito de exprobrar-lhe uma ou outra imperfeição que lhe haja escapado, pequenas jaças, que o brilho ofuscante da jóia não deixa ver. Não esqueçamos que o genial Camões não era um gramático e, sim, um poeta, mas um poeta que fez em favor da língua o que todos os gramáticos reunidos não conseguiriam. Demais, ele escrevia numa época em que existiam apenas as gramáticas de dois autores bisonhos, que ninguém hoje ousaria citar, para dirimir questões que surgem no seio da língua.	
Assim, ninguém veja neste pequeno estudo o ânimo de <i>emendar Camões</i> , senão um exame do estado em que ainda se achava a língua do seu tempo, neste difícil terreno da concordância.	

Fonte: *Dicionário e Gramática de “Os Lusíadas”* - Júlio Nogueira (1960).

Em geral, as formas variantes são incluídas em um mesmo verbete; no entanto, em alguns momentos ocorrem em verbetes diferentes, sem que seja explicado o critério para tal decisão. A Figura 8 apresenta os verbetes *abondanças*; *sprito*, *spirito*; *nao* e *nau*, sendo que, nos dois primeiros verbetes, as formas ortograficamente variantes estão inseridas em uma mesma microestrutura; no caso de *abondanças*, há apenas a menção da variante; no caso de *nao* e *nau*, as variantes ortográficas figuram em duas microestruturas diferentes:

Figura 8 – Verbetes: “abondanças” (p. 10); “sprito, spirito” (p. 386) e “nao” (p. 279) e “nau” (p. 281).

abondanças

encheram-me com grandes abondanças
o pecto de desejos e esperanças (V-54).

Quer dizer: animaram-me, fizeram-me esperançoso. Em VII-62,
está escrito *abundanças*.

sprito, spirito

Nestas formas populares, houve prótese do *e* eufônico, donde
a forma erudita *espírito*:

com novo sprito ao mestre seu mandava (II-64).
e que enquanto o seu corpo o sprito reja (VI-4).
mas, se a verdade o sprito me adivinha (VI-55).

A forma *spirito* está em:

do alto e santo spirito a pintura (II-11).
o spirito deu a quem lho tinha dado (III-28).

nao

Escrita antiga de *nau* (II-22, IV-63, VI-72, VII-34, VIII-77).

nau

Navio de velas quadrangulares:

das naus as velas côncavas inchando (I-19).
a nau da gente pérfida se enchia (II-16) etc.

Fonte: *Dicionário e Gramática de “Os Lusíadas”* - Júlio Nogueira (1960).

A microestrutura do dicionário é composta pela entrada, em negrito e recuada à esquerda e na linha superior ao enunciado lexicográfico; esse, por sua vez, é composto pela definição e abonações de versos retirados da obra de Camões, sendo que a presença dos dois não é constante, ora aparecendo somente a definição, ora aparecendo somente os exemplos e ora aparecendo os dois. As figuras a seguir exemplificam esse quadro, e mostram os verbetes *acertar de*, em que insere somente o verso retirado de *Os Lusíadas*; *alargar-se*, em que se insere somente a definição, com a indicação de onde encontrar a palavra dentro do poema; e *alcançar*, em que aparece tanto a definição quanto a abonação:

Figura 9 – Verboete “acertar de”

acertar de

**Isto acontece às vêzes quando as setas
acertam de levar ervas secretas (IX-33).**

Fonte: *Dicionário e Gramática de “Os Lusíadas”* - Júlio Nogueira (1960).

Figura 10 – Verbetes “alargar-se”

alargar-se

Pôr-se ao largo; fundear longe do pôrto. (VIII-85).

Fonte: *Dicionário e Gramática de “Os Lusíadas”* - Júlio Nogueira (1960).

Figura 11 – Verbetes “alcançar”

alcançar

Descobrir, compreender. atingir:

enganos tão fingidos não alcança (II-31).

Fonte: *Dicionário e Gramática de “Os Lusíadas”* - Júlio Nogueira (1960).

Além da gramática, apresenta também um conteúdo enciclopédico em verbetes de figuras históricas, lugares e mitos; nesse caso, esses verbetes são mais longos do que os outros, uma vez que há uma explicação mais detalhada em cada, como mostram os exemplos a seguir:

Adamastor

Com a tonicidade na terceira sílaba. O mitônimo já existia em latim, indicando o nome de um gigante, de que trata Sídônio Apolinário. Este autor usa também a forma *Damastor*, a que mais condiz com a idéia de força. A matriz está no grego (verbo *damázo* — domar). Na forma *Adamastor* se poderia ver um alfa privativo, o que retiraria à palavra o sentido de *domador*. Na *Eneida* aparece o nome de *Adamasto*, pai de Aquemênide (l. III, 614). A verdade é que, na língua portuguesa, Camões imortalizou o herói com o nome de *Adamastor*, palavra oxitona, contra a quantidade latina. O gigante faz no poema a autobiografia. Diz-se filho da Terra, como Encélado, Centímano e Egeu (V-51); declara que tomou parte na guerra contra os deuses; que se apaixonou loucamente por Tétis, esposa de Peleu, e lamenta a impossibilidade de conquistá-la; narra o sonho em que a julgava ter nos braços, quando, na realidade, se achava abraçado a um penedo (V-52), e, por fim, a metamorfose do seu corpo naquele cabo, condenado à imobilidade e cercado pelas águas do oceano, que são a própria Tétis (V-59, 60).

Esta parte final lembra a lenda indígena de *Naipti*, que corre no Alto Paraná, nos limites com a Argentina. Naipti era uma das sacerdotisas de *Mbói*, o deus-cobra, da tribo dos Caiangangs. Essas sacerdotisas selvagens lembram o culto das vestais, pois também eram votadas à castidade. No dia da consagração de Naipti, um índio de nome Tarobá viu-a e raptou-a, levando-a na sua igarité pelas águas do Iguaçu, que, então, corria placidamente pelos campos. Quando o deus Mbói soube do rapto, contorceu-se de raiva no centro da terra, onde habitava, e esta desnivelou-se, formando-se os maravilhosos saltos do Iguaçu. Naipti foi transformada nas águas azuladas deste rio, e Tarobá, metamorfoseado numa árvore, que se acha inclinada no ponto da queda, condenado a ver a sua bela Naipti, mas sem lhe poder tocar, como Adamastor cercado por Tétis. A fábula sul-americana tem o sabor das *Metamorfoses* de Ovídio. Como é natural,

foi engendrada *a posteriori*, pelo fato de haver no *Salto União* uma árvore, justamente no ponto em que as águas se despenham.

Fonte: *Dicionário e Gramática de “Os Lusíadas”* - Júlio Nogueira (1960).

Figura 13 – Verbetes “Algarve”

DICIONÁRIO E GRAMÁTICA DE “OS LUSÍADAS”	27
Algarve	
Antigo reino dos mouros. É a região mais meridional de Portugal, separada do Alentejo por uma cadeia de montanhas, e da Espanha pelo curso do Guadiana, na costa do Atlântico. O Algarve foi a região em que mais resistiram os mouros, na guerra de reconquista do território português, ultimada por Afonso III. Existe a tradição de que, no promontório de Sagres, D. Henrique fundara uma escola de navegação, sendo algarvios os tripulantes das caravelas. Atualmente a província do Algarve tem Faro por capital e possui vários concelhos. VIII-25. V. D. Paio Correa. A palavra <i>Algarve</i> deriva de <i>Al-Gharb</i> , o ocidente, a parte ocidental da província.	

Fonte: *Dicionário e Gramática de “Os Lusíadas”* - Júlio Nogueira (1960).

A obra de Nogueira destaca-se por sua proposta pedagógica, aproximando a língua de Camões do leitor moderno e ampliando o potencial de uso didático do dicionário, diferentemente do dicionário de Peixoto e Pinto (1924), que tem um caráter predominantemente filológico e compilatório. Nogueira busca contextualizar os vocábulos por meio de explicações gramaticais e paralelos com o português brasileiro, ao passo que Peixoto e Pinto (1924) concentram-se na catalogação exaustiva do léxico camoniano, ainda que com inconsistências.

4.3 Dicionário de Camões, de Manuel dos Santos Alves

Manuel dos Santos Alves publica, em 1971, a primeira edição de seu *Dicionário de Os Lusíadas*; esgotada essa edição, publica em Lisboa, no ano de 1994, a segunda edição expandida, denominada *Dicionário de Camões*, contendo toda a obra de Camões (a lírica, o teatro e as cartas, além de *Os Lusíadas*).

O *outside matter* é composto por variados tópicos, entre os quais se incluem: *Obras do Autor*, *Dedicatória*, *Introdução*, *Biografia de Camões*, *Os Lusíadas*. Nessa última, o autor apresenta um pequeno estudo acerca do poema, com informações sobre a origem do título, as influências exercidas sobre Camões e a importância do poema na língua portuguesa. Completam o *outside matter* os tópicos *Os retratos de Camões* e a *Lista de Abreviaturas*. Em sua *Introdução*, Alves afirma que o próprio Camões sentiu que a

densidade da obra, principalmente naquilo que envolvia a mitologia, a história e a geografia, dificultaria sua compreensão, o que o motivou a pedir a amigos que realizassem comentários a seu respeito. O autor parte do princípio de que grande parte dos portugueses possuem a obra de Camões, sendo necessário um dicionário que permita a fácil consulta dos vocábulos, que lhes possibilite a leitura e o entendimento do texto, sendo que cada palavra aparece em seu sentido contextual.

Outros textos que compõem o *outside matter* são: *Introdução à Lírica*, *Lista de Abreviaturas* (do Dicionário da Lírica), *Tipos de Poesia Lírica*; *Introdução ao Teatro e as Cartas*, *Lista de Abreviaturas* (do Dicionário do Teatro e das Cartas), *Referências Bibliográficas* e o *Índice*. O *Dicionário da Lírica* e o *Dicionário do Teatro e das Cartas* seguem o mesmo padrão da macroestrutura e microestrutura do Dicionário de *Os Lusíadas*.

Sua macroestrutura é organizada semasiologicamente, com entradas destacadas em negrito. A microestrutura é composta por uma definição direta, sendo que as diferentes acepções de uma entrada, de acordo com o contexto do poema, são inseridas em linhas iniciadas por um travessão no mesmo verbete, como se observa na Figura 14.

Figura 14 – Verbetes “Abrir”

Abrir – I-59 (entrada), X-98 (a estrada), II-1 (a porta), X-43 (o esquadrão), II-20 (o caminho), X-149, 52, 70, 71, VI-31, VI-1 – desbravar, rasgar.
– X-39 (luz) – aparecer
– X-10 (o mar) I-53, VII-25, V-84.
– V-4 – descobrir, sulcar.
– IX-59 (a romã) – partir.
– VIII-64 (palavras) – soltar, descobrir.
– V-1, IV-49 (as asas) – enfunar as velas.
– V-55 (os braços) – estender.

Fonte: *Dicionário de Camões* - Manuel dos Santos Alves (1994)

Não apresenta abonações como os outros dois dicionários, mas apresenta a indicação do canto, em numeração romana, e da estrofe, em numeração arábica. Em geral, a classe gramatical não é apresentada, exceto nos casos em que o autor entende ser necessário para diferenciar duas palavras, como mostra o exemplo abaixo:

Baixo (adj.) — 11-14, VI-99 — pequeno. — H1-139, IV-54, VIII-59. 1X-35, — impuro, vil, — V1-33 (mundo) — a terra. — X-22 (voz) — sumido, ténue. — X-23 (estado) — mísero, obscuro. — X-154 — humilde (de condição).

Baixo (subst.) — VI-82, X-128 — baixio, banco de areia, recife. (Alves, 1994, p. 75).

Assim como os outros dois dicionários, este também apresenta um conteúdo enciclopédico, inserindo informações que vão além da definição linguística ou semântica, como dados históricos, mitológicos, geográficos e culturais, relevantes para a compreensão do texto camoniano.

Actéon — IX-26, 63 (com referência também em W-35, sob a designação de o Troiano) — filho de Aristeu e Autónoe que, certo dia, quando perseguia, em grande corrida, um veado, não reparou na formosura da Deusa da caça. Diana, que, nesse momento, nua saía do rio aonde fora banhar-se. Em castigo da ofensa, a deusa converteu-o em veado, que veio a ser devorado pelos seus próprios cães, que não o conheceram. (Alves, 1994, p. 51).

O dicionário de Alves (1994) diferencia-se dos anteriores por ampliar o escopo para toda a obra camoniana, apresentando maior clareza estrutural e organização mais uniforme que a de Peixoto e Pinto (1924). Em comparação a Nogueira (1960), Alves adota um enfoque mais objetivo e menos pedagógico, privilegiando definições contextuais e dados culturais. Apesar do avanço em sistematização e abrangência, sua concisão e a ausência de abonações limitam a profundidade analítica.

O quadro 1 sintetiza os principais aspectos analisados nas três obras lexicográficas dedicadas a *Os Lusíadas*, permitindo visualizar de forma clara as

diferenças e aproximações entre os dicionários de Peixoto e Pinto (1924), Nogueira (1960) e Alves (1994), evidenciando a diversidade de objetivos, públicos e estratégias lexicográficas adotadas.

Quadro 1 – Comparação entre os três dicionários dedicados ao *Os lusíadas*

Crítérios	Peixoto e Pinto (1924)	Nogueira (1960)	Alves (1994)
Escopo	<i>Os Lusíadas</i>	<i>Os Lusíadas</i>	Toda a obra de Camões
Objetivo	Compilação lexical filológica	Mediação didática e linguística	Consulta e contextualização lexical
Público-alvo	Especialistas	Estudantes e público geral	Público geral e pesquisadores
Perspectiva pedagógica	Limitada	Forte: explicações gramaticais e comparações	Secundária: foco em definições e referências contextuais
Macro e Microestrutura	Macroestrutura semasiológica, microestrutura irregular, entrada em negrito + definição + abonações	Macroestrutura semasiológica, microestrutura com conteúdo linguístico e enciclopédico misto, entrada em negrito + definição e/ou abonações	Macroestrutura alfabética, microestrutura clara, sem abonações, com referências de canto e estrofe
Profundidade analítica	Alta no levantamento lexical, mas pouco sistemática	Alta em reflexões linguísticas e pedagógicas	Média - definições diretas e claras, mas sem aparato filológico extensivo
Limitações	Falta de critérios claros; inconsistências	Crítérios pouco transparentes; foco didático pode limitar profundidade	Ausência de abonações; concisão excessiva

Fonte: Elaborada pela autora.

Os dicionários aqui analisados se revelam como obras relevantes, com propósitos claros, que enfrentam desafios inerentes à descrição do léxico camoniano,

apresentando irregularidades e imprecisões em sua execução, como vistos nas análises das seções 4.1, 4.2 e 4.3.

5 Considerações Finais

Os dicionários de *Os Lusíadas* são essencialmente dicionários textuais, focados no vocabulário de uma obra específica. Dois dos autores, Alves (1994) e Nogueira (1960), apresentam objetivos semelhantes ao buscar tornar o poema mais acessível para o público em geral e não apenas aos de "cultura especializada"; para isso, utilizam a obra como base de um estudo linguístico voltado à juventude com o propósito de tornar a gramática mais acessível ou de esclarecer o sentido de palavras, locuções e frases do poeta. Peixoto e Pinto (1924) apresentam uma proposta mais voltada para o público especialista e, embora a mediação pedagógica esteja presente entre seus objetivos, sua ênfase recai sobre a abordagem filológica.

Embora não sejam dicionários históricos no sentido estrito de acompanhar a evolução de palavras da língua portuguesa, eles são metodologicamente históricos (ou diacrônicos), pois descrevem uma parcela do léxico de uma época passada e abordam as mudanças e particularidades linguísticas do período de Camões. Nogueira, por exemplo, observa que a língua de Camões não tinha a mesma "fisionomia de hoje", e discute formas arcaicas como *antre* e *fermoso*.

Embora essas obras tenham desempenhado um papel fundamental na mediação entre o leitor moderno e o texto camoniano, elas apresentam limitações significativas do ponto de vista lexicográfico. Esses dicionários se destacam por oferecer rico conteúdo enciclopédico, com explicações históricas, mitológicas, geográficas e literárias, e por promoverem uma leitura aprofundada e culturalmente situada de *Os Lusíadas*. No entanto, do ponto de vista técnico, observam-se diversos problemas estruturais, como mencionado anteriormente nas análises comparativas.

Os dicionários não apresentam um padrão concreto para os verbetes, ora apresentando definições e abonações, ora somente as definições, ora somente as

abonações. Há, muitas vezes, uma ausência de definições objetivas e prototípicas, além de uma mistura de informações linguísticas e críticas sem distinção clara. Aliás, os dicionários não apresentam verbetes organizados de modo consistente e com remissivas entre formas variantes ou afins, apresentando, por vezes, entradas múltiplas para formas relacionadas e pouca ou nenhuma remissão entre verbetes similares ou sinônimos, dificultando a localização e consulta por parte do usuário.

Os dicionários de *Os Lusíadas* são ferramentas valiosas para o estudo do poema e da língua portuguesa quinhentista, fornecendo uma rica camada de informações enciclopédicas que superam a simples definição lexical. No entanto, sob uma perspectiva lexicográfica mais contemporânea, eles refletem desafios comuns a dicionários tradicionais, como a fusão de informações linguísticas e extralinguísticas, bem como a falta de padronização e critérios explícitos. Isso evidencia a necessidade de iniciativas atualizadas que combinem a erudição filológica com as práticas modernas de elaboração de dicionários, proporcionando ao leitor não apenas o acesso ao significado dos vocábulos, mas também uma experiência de consulta mais clara, sistemática e funcional.

Referências

ALVES, M. dos S. **Dicionário de Camões**. Lisboa: Universitária, 1994.

PORTO DAPENA, J. **Manual de técnica lexicográfica**. Madrid: Arco/Libros, S.A, 2002.

FELIPE, C. V. do A. Os lusíadas, 450 anos depois. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 15, n. 40, p. 87-115, 31 dez. 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.15848/hh.v15i40.1929>. Acesso em: 28 jun. 2025.

HARTMANN, R. R. K.; JAMES, G. **Dictionary of Lexicography**. London: Routledge, 1998.

NOGUEIRA, J. **Dicionário e Gramática de "Os Lusíadas"**. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos S.A., 1960.

NUNES, J. H. Dicionários: história, leitura e produção. **Revista de Letras da Universidade Católica de Brasília**, Brasília, v. 3, n. 1/2, p. 6-21, dez. 2010.

PEIXOTO, A.; PINTO, P. A. **Dicionário d'Os Lusíadas de Luís de Camões**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves - Casa de Paulo Azevedo e Cia., 1924. Disponível em: <https://ia800508.us.archive.org/23/items/dicionariodoslus00peix/dicionariodoslus00peix.pdf>. Acesso em: 21 maio 2025.

SOUZA, D.; SANTOS, M.; SANTOS, I. Estudo de Três Adaptações de Os Lusíadas, de Camões. **Revista Épicas**, [s.l.], v. 15, n. 24, p. 187-193, 30 jun. 2024. DOI: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080x.2024.v15.187193>. Acesso em: 21 maio 2025.

VERDELHO, T. Dicionários Portugueses, breve história. In: NUNES, J. H.; PETTER, M. (org.). **História do Saber Lexical e constituição de um léxico brasileiro**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002. p. 15-64.

VIDAL NETO, J. B. C. **A formação do pensamento linguístico brasileiro: entre a gramática e novas possibilidades de tratamento da língua (1900-1940)**. 2021. 547 f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-12082021-203927/publico/2021_JoseBentoCardosoVidalNeto_VCorr.pdf. Acesso em: 09 dez. 2025.

WELKER, H. A. **Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia**. 2. ed. rev. e ampl. Brasília: Thesaurus, 2004.

Artigo recebido em: 22.08.2025

Artigo aprovado em: 17.12.2025